

SENHOR, SEJA FEITA A TUA JUSTIÇA (SL 79)

Gelci André Colli

1. Introdução

Nota-se uma grande semelhança entre este os salmos 79 e 74 tanto na forma como na estrutura e no conteúdo. Parece que os dois salmos se referem ao mesmo fato histórico, às mesmas circunstâncias e condições experimentadas pelo povo hebreu.

Por isso, há quem defenda a autoria única dos dois salmos, ou pelo menos de autores contemporâneos. A perplexidade diante da tragédia é latente nos dois salmos. No Salmo 79, porém, a violência exposta é retratada de maneira ainda mais dramática.

O salmista se dirige a Deus relatando o terror com que as nações causaram aos seus servos. O Salmo 79 é carregado de angústia e lamento pelo que foi feito na terra, no Templo, na cidade e com os fiéis de Deus.

Mas a perplexidade não apaga a esperança da justiça. A confiança em Deus permanece num desejo expresso de louvor a Deus mediante seus atos libertadores.

2. A forma e o lugar do Salmo

Na história religiosa do povo hebreu, alguns salmos eram usados na liturgia do culto como lamentação comunitária (Sl 44; 60; 74; 80; cf. Lm 5). O Salmo 79 era uma destas orações que faziam parte de cultos que tinham por motivo alguma catástrofe nacional ou comunitária (guerra, seca, fome, pragas (cf. 1Rs 8,39-41; 44-45; 2Cr 20,9; Os 7,14; Jl 1,2).

Embora a característica marcante do culto na religião de Israel fosse a alegria, a lamentação também encontrava seu lugar nas celebrações religiosas. Weiser¹ afirma que este salmo foi usado no judaísmo tardio como oração juntamente com o salmo 137 na liturgia do dia comemorativo da destruição de Jerusalém pelos babilônios.

Semelhante ao Salmo 74, o Salmo 79 foi usado pela comunidade judaica na época dos Macabeus. É possível dizer que, ao menos, este salmo era conhecido nesta época, pois o autor de 1 Macabeus citou livremente trechos dessa composição para descrever as ações de violência praticadas por Antíoco IV (1Mc 1,37-40; 2,10-13; 7,17).

A situação histórica do Salmo 79 é muito debatida devido a divergências entre os estudiosos. Algumas hipóteses são propostas, dentre elas, a mais clássica advoga que o salmo se refere à invasão babilônica em Jerusalém por volta de 587 aC. Mas esta pro-

1. WEISER, Artur. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994. p. 411

posta tem encontrado muitos opositores que insistem em dizer que o salmo não trata da invasão babilônica.

Gunkel² é um destes opositores. Ele argumenta que o salmo nada diz explicitamente sobre uma guerra, nem tampouco sobre um cerco; nem mostra a figura de um rei; não faz menção a um incêndio no Templo; e nem de uma deportação do povo. Para Gunkel, o contexto histórico pode tratar de um acontecimento desconhecido do tempo de Esdras (conforme também H. Schmidt).

Kraus³ observa que apesar de ser uma das poucas lamentações que conserva a estrutura fundamental do gênero, o Salmo 79 sofreu ao longo do tempo revisões, inclusões e exclusões. Segundo ele, é possível notar isto pela dificuldade em se falar de um esquema métrico no salmo.

Os arranjos sofridos pelo salmo quebraram o esquema métrico original, tornando impossível a sua reconstrução. Estes arranjos no texto se devem à atualização do salmo no culto de lamentação, onde era contextualizado para se identificar com os problemas que a comunidade enfrentava naquele momento.

Esta pode ser uma razão da dificuldade em se datar a situação histórica do salmo. Uma vez que ele pode conter trechos da calamidade que originou a lamentação e retoques que o aproximaram de situações posteriores, como por exemplo, a época da revolta dos Macabeus (1Mc 7,17) durante a dominação de Antíoco IV.

De um modo geral, a maioria dos comentaristas tem procurado considerar a hipótese de que o Salmo 79 se refira aos acontecimentos do ano 587 aC, quando da invasão babilônica. Embora não há argumentos suficientemente claros para esta proposta, há pistas que devem ser consideradas.

Assim como no Salmo 74, pode-se ver no Salmo 79 declarações sobre “a ira do Senhor” (v. 5), “o pecado dos pais” (v. 8). Estas declarações se ajustam muito bem à época do exílio babilônico, quando em Jerusalém se faziam cultos de lamentação (Zc 7,1-5; 8,18-20).

Kraus⁴ lembra que não se pode esperar que depois de muitos anos da tragédia sejam relatados em todos os cânticos os detalhes fiéis ao acontecimento histórico. O que se pode ver nesta composição, e também no Salmo 74, são flashes da memória dos que testemunharam o evento, onde estas lembranças podem ser as que mais impressionaram as testemunhas.

Exemplo disso, apesar da linguagem figurada, é a narração das execuções dos fiéis (v. 2) e da grande quantidade de sangue derramado (v. 3) destacado pelo salmista.

O que fica claro no texto é que existe um inimigo do povo hebreu que impôs grande violência e vergonha sobre ele, e na lamentação o povo argumenta que Deus é quem está sendo derrotado e envergonhado por não defender o seu povo.

2. GUNKEL, Hermann. *Introducción a los salmos*. Valencia: Edicep, 1983. p.169

3. KRAUS, Hans Joachim. *Los salmos: 60-150* – vol. II. Salamanca: Ed. Sigueme, 1995. p. 202.

4. KRAUS, Hans Joachim. *Los salmos: 60-150* – vol. II. Salamanca: Ed. Sigueme, 1995. p. 204.

3. Estrutura do Salmo

O Salmo 79 contém os elementos que estruturam o gênero de lamentação: descrição da calamidade, confissão de pecado, denúncia da maldade do inimigo, pedido de vingança (imprecação), defesa da honra de Deus e promessa de ação de graças.

Bortolini⁵ propõe uma interessante divisão do salmo em três momentos: v. 1b-4. 5-7. 8-13. No primeiro (v.1b-4), o povo se dirige a Deus mostrando o que as nações lhe fizeram. Segundo ele, são sete os atos das nações que destroem o povo de Deus: *invadiram, profanaram e destruíram* (v. 1); *entregaram* (v. 2); *derramaram e não deixaram enterrar* (v. 3); *zombaram* (v. 4). No segundo (v.5-7), além de perguntar “*até quando*” (v. 5) permanecerá Deus irado com o seu povo, pede e diz o que Deus deve fazer às nações que produzem maldade. No terceiro (8-13), os pedidos continuam formando um bloco de sete petições em favor do povo hebreu com a promessa de ação de graças pela salvação alcançada: *não te lumbres e vem ao encontro* (v. 8); *socorre, liberta e perdoa* (v. 9); *salva* (v. 11); *retribui* (v. 12).

4. Comentário

a) Descrição da tragédia (v. 1-4)

Aqui, a atenção de Deus é chamada pelo povo a fim de lamentarem a situação calamitosa que se abateu sobre Jerusalém. O salmista emprega bastante os pronomes possessivos da 2ª pessoa referentes à propriedade de Deus: tua herança, teu santo Templo, teus servos, teus fiéis.

O texto não diz que o Templo foi destruído, mas somente profanado. Porém verbo *tama'* traduzido por *profanar* ou *tornado impuro* para a realização do culto como em Ez 4,14, ou *tocado pela impureza* conforme Dt 24,4; também é usado em 2Rs 23,8.15 para descrever a destruição dos altares e postes-ídolos pelo rei Josias por volta de 621 aC. Ali, o verbo é traduzido por contaminação ou profanação, mas o contexto mostra que os lugares de culto idólatra foram destruídos.

No Antigo Testamento, uma forma muito comum de profanar um lugar sagrado era jogar cadáveres ou os ossos dos mortos nos altares (conforme 2Rs 23,14; 16,20; Ez 9,7; 23,38). O profeta Ezequiel descreveu uma visão que mostrava os horrores sofridos pelo povo de Jerusalém quando da invasão de Nabucodonosor. Nesta visão o Templo, também é profanado com os cadáveres dos mortos (Ez 9,7). A ira do Senhor também é derramada sobre Jerusalém (Ez 9,8). Estes podem ser argumentos que indicam que o salmo se refere mesmo à invasão babilônica, já que é possível que o Templo tenha sido profanado com os corpos dos fiéis mortos.

Com a cidade destruída e o Templo profanado, os danos não foram somente materiais, mas morais e psicológicos. O povo sofreu forte violência e assassinio. O quadro foi tão trágico que o salmista chega a dizer que o sangue dos fiéis foi “derramado como água ao redor de Jerusalém” (v. 3).

5. BORTOLINI, José. *Como rezar os Salmos*. São Paulo: Paulus, 2000. p. 330-331.

O fato de os corpos não terem sido sepultados era uma calamidade para os hebreus (Dt 28,26; 2Rs 9,10; Jr 7,33; 8,2; 9,22; 14,16; 19,7 e 22,18-19). Além de toda a destruição causada na cidade de Jerusalém e no Templo, soma-se a humilhação e a violência sofridas pelo povo, que culminaram no escárnio e zombaria por parte das nações vizinhas.

O relato em forma de lamentação é a expressão da perplexidade do salmista e do povo em geral diante do ocorrido. Lamentar a tragédia diante de Deus não significa desespero, mas indignação pela demora da ação de Deus em favor do seu povo.

O povo foi vítima de nações que reconhecem a Deus, e por isso a situação é vergonhosa. Deus precisa agir em defesa da sua honra e do seu povo. A derrota do povo hebreu é mostrada como a derrota de Deus na batalha sendo incapaz de proteger os seus fiéis. Para o salmista, está na hora de Deus fazer justiça e mudar os papéis das nações na história.

b) A súplica e o socorro (v. 5-9)

A pergunta “Até quando?” (v. 5) é uma expressão comum nos salmos de lamentação (Sl 6,4; 13,2; 44,24; 74,10; 80,13). Geralmente marca a transição do lamento para a petição.

Além disso, também fica explícita a noção de que o povo já sofrera demais com o infortúnio causado pela ira divina. O ciúme ardente do Senhor é comparado com o fogo inextinguível.

Semelhante à figura do adultério espiritual no Salmo 78,56-64, aqui a ira divina é provocadora de uma agonia que parece não ter fim. O povo suplica a Deus que desvie a sua ira para as nações idólatras que não o temem.

No salmo o povo implora a Deus pelo alívio do castigo que foi imputado pelos pecados dos ancestrais (v. 8). Este pedido remete a causa da tragédia às gerações anteriores e, agora, o povo está muito fraco para reagir (Jr 31,29; Ez 18,2).

Deus precisa ser rápido e vir de encontro com o seu povo pela sua misericórdia. Embora sofram pelos pecados dos antepassados, o povo não considera injustiça; antes, confessa os próprios pecados humildemente e confia no perdão libertador de Deus (v. 9).

Aqui o povo admite a sua própria culpa. Abstendo-se de um sentimento de justiça própria, agora se humilha publicamente e espera que Deus o liberte pela glória e honra do seu nome. O apelo é para que Deus promova a justiça em favor do pecador confesso e se vingue do opressor impenitente.

c) Libertação, vingança e louvor (v. 10-13)

O povo pede para que Deus responda a pergunta das nações que zombam dos judeus e do seu Deus que, aparentemente, não tem poder para proteger os seus servos (conforme Jl 2,17). E que a resposta seja clara. Na forma de vingança divina para que não haja dúvidas sobre a majestade de Deus.

O clamor por justiça e punição dos inimigos chega junto com o pedido de libertação dos prisioneiros de guerra e salvação dos condenados à morte.

O pedido de vingança nos versos 10 e 12, assim como nos versos 6 e 7, pode deixar o leitor do salmo intrigado. Como é possível pedir a Deus que Ele faça mal a uma pessoa ou nação? Acontece que no mundo do Antigo Testamento estas imprecações eram muito comuns em tempos de guerra ou animosidade.

Geralmente, as precações ou maldições são consideradas e utilizadas como armas de guerra. No caso deste salmo, onde a nação de Judá foi derrotada e seu exército aniquilado, os judeus ficaram à mercê dos inimigos. Sem condições de se defender, os judeus se tornaram uma presa fácil. Devido à incapacidade de se defender e mudar a sorte, o povo pede para que Deus faça isto por eles, pois se o próprio povo tivesse como se defender, eles mesmos vingariam o sangue dos seus parentes.

Esta é uma razão porque o Salmo 79 contém argumentos que visam convencer Deus que os inimigos dos hebreus são inimigos do próprio Deus, para que o Senhor defenda sua honra e liberte o seu povo como fez no Egito.

A vingança do sangue derramado (v. 10) revela o estado de impossibilidade de reação por parte do povo em fazer justiça. O sangue derramado clama por justiça (Gn 4,10), e se não há quem atenda este clamor, Deus assume o papel do vingador do sangue (*goel*, redentor) dos seus servos e promove justiça onde é impossível para o homem (Dt 32,43; Ap 16,6-7; 19,2).

Diante do perdão, da libertação e da vingança divina, o povo enfraquecido promete fazer o que lhe cabe na trágica situação: louvar e render graças a Deus para sempre pela intervenção libertadora. A relação do povo com Deus é restabelecida mediante os atos libertadores do mesmo Deus que outrora libertou o povo da opressão do Egito. Novamente o povo se sentirá protegido como “ovelhas no pasto do Bom Pastor”.

5. Conclusão

No salmo de lamentação, o povo mostra a Deus que algo precisa ser feito para que a justiça prevaleça. O nome de Deus foi desonrado na situação calamitosa. Agora, os escarnecedores precisam conhecer a ira vingadora de Deus. O povo de Deus anseia pela reconciliação com o seu Senhor mediante a confissão de pecados.

Deus mostra que perdoou o seu povo na medida em que pune os seus verdadeiros inimigos. Os “fiéis” e “servos” não são inimigos de Deus. A destruição originada pela ira de Deus encontra fim na humildade daqueles que reconhecem a sua falta e confiam que Deus fará justiça.

Nos tempos do Novo Testamento, o louvor e ação de graças são gerados em ambiente de fé na graça libertadora de Deus. Ainda que sua ação não seja manifesta no mundo material, ou que tarde para acontecer, o fiel dá graças em tudo.

O ensino de Jesus Cristo sobre os inimigos, onde ele disse que os seus discípulos deviam “amar e orar pelos nossos inimigos” (Mt 5,44), é uma evolução da fé em Deus.

Antes, no Antigo Testamento, Deus só poderia se manifestar no mundo visível; agora, no Novo Testamento, também no invisível e desconhecido.

Mas o mesmo Deus continua ouvindo o clamor do oprimido, do preso, do enfermo, daquele que precisa de perdão; e continua salvando, libertando, tendo compaixão daqueles que tem esperança na sua justiça.

Gelci André Colli
Rua Anjo de Luz, 421 – CIC
81230-325 – Curitiba/PR
gelci@pop.com.br

Referências bibliográficas

- ALONSO SCHOKEL, Luiz; CARNITI, Cecília. *Salmos II: 73-150*. São Paulo: Paulus, 1998.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM, A. Tiago Giraudo (ed) São Paulo: Paulinas, 1985.
- BORTOLINI, José. *Como rezar os salmos*. São Paulo: Paulus, 2000.
- GUNKEL, Hermann. *Introduccion a los salmos*. Valencia: Edicep, 1983.
- GUSSO, Antonio Renato. *As imprecações nos salmos* – Mestrado; Rio de Janeiro, 1994.
- KRAUSS, Hans Joachim. *Los salmos: 60-150* – vol. II. Salamanca: Ed. Sigue-me, 1995.
- STRAUSS, Hans. *Comentário a salmos escolhidos*. São Leopoldo: Sinodal, 1970.
- WEISER, Artur. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994.